



UMA MITOLOGIA A CAMINHO: HISTÓRIAS DE PIONEIROS

A MYTHOLOGY ON WAY: STORIES OF PIONEERS

Tieko Yamaguchi Miyazaki¹

Recebimento do texto: 27/09/2017

Data de aceite: 26/10/2017

RESUMO: O artigo analisa relatos de famílias que, na década de 1960, se mudaram para a bacia amazônica brasileira. Como ensinam especialistas, a memória é traiçoeira, de tal maneira que o que se pensa lembrar é determinado em grande parte pelo momento presente. Pesquisar na enunciação enunciada traços que denunciem essa interferência cuja força explica como essas histórias são capazes de fascinar os leitores e assim, guardando-as na memória do afeto, compor com elas uma mitologia tangaraense mitologia, é o tema deste artigo.

PALAVRAS-CHAVE: Tangará da Serra; Histórias; Memória; Mythology.

ABSTRACT: We aim to analyze family stories which in the 1960s moved to the Brazilian Amazon basin. As scholars put it, memory is treacherous, in such a way that what one thinks to recall is largely determined by the present. The aim of this article is to investigate in the uttered enunciation traits that denounce this interference, whose strength explains how such stories are able to excite readers and consequently, by keeping them in the memory of the affection, to compose with them a mythology from Tangará.

KEYWORDS: Tangará da Serra; Stories; Memory; Mythology.

¹ Professora/ Doutora da UNESP. E-mail: tymiyazaki@gmail.com



Introdução

Memória e histórias: Pioneiros de Tangará da Serra e Assentamento Antônio Conselheiro se intitulou o projeto –aprovado pela FAPEMAT/CNPQ- proposto pela Secretaria Municipal de Cultura e Educação de Tangará da Serra, Mato Grosso, na figura do então secretário Júnior Scheicher. O objetivo era criar um arquivo de memórias do período de ocupação, colonização e fundação da cidade de Tangará da Serra.²

O município de Tangará da Serra se localiza entre a serra Tapirapuã e a dos Parecis, que delimitam dois ecossistemas: o Pantanal (Sul) e o Chapadão dos Parecis (Norte). A Serra dos Parecis é o divisor de águas entre a bacia do Amazonas e do Paraguai-Paraná O município é recortado por uma rede de rios e córregos, além do Sepotuba (ou Tenente Lira), pertencentes à bacia do rio Paraguai. Hoje, limita-se com os municípios de Campo Novo dos Parecis, Pontes e Lacerda, Barra do Bugres, Nova Olímpia, Santo Afonso, Nova Marilândia, Sapezal, Campos de Júlio, Denise, Diamantino, Reserva do Cabaçal e Conquista d' Oeste.

Na década de 50 do século XX, em cumprimento à política de colonização denominada “Marcha para o Oeste”, os chamados picadeiros foram demarcando os territórios e cartografando o cerrado, seguindo os inúmeros córregos da bacia do Paraguai; a efetivação dessa política ficou a cargo dos Serviços Estaduais de Terra e Colonização e, posteriormente, da Companhia de Desenvolvimento do Estado do Mato Grosso (CODEMAT).

² Retomamos aqui as informações presentes no livro resultante do projeto: MIYAZAKI & VILALVA (Org.) *Relatos de pioneiros*. Memórias de Tangará da Serra. Cáceres: UNEMAT. 2012.



Tais objetivos já haviam sido cogitados desde as primeiras décadas do século XX, mas só tomaram forma nos anos 40 com um projeto de assentar uma colônia japonesa de grandes proporções, com imigrantes provenientes dos estados de São Paulo e do Paraná. Determinou-se então a demarcação de uma área considerável de terra, situada entre o rio Sepotuba e a Serra Tapirapuã. Demarcadas as glebas, estas seriam destinadas a japoneses e alguns brasileiros. Em decorrência, porém, do alinhamento do Japão na segunda grande guerra, as aquisições foram denegadas aos japoneses e somente os brasileiros puderam prosseguir no processo de posse. Dos loteamentos acima originou-se a colonização do território que mais tarde resultaria no município tangaraense. Dentre os brasileiros que haviam adquirido glebas junto com os japoneses, se destacaram Borges Leal, Júlio Benevides Martinez, Joaquim Oléa e Fábio Lizerne. Estes últimos fundaram a CITA, Companhia Imobiliária Tupã para a Agricultura, da cidade paulista de Tupã, e implantaram o loteamento a que denominaram Cidade Tangará da Serra. A CITA em 1969 passa a SITA - Sociedade Imobiliária de Tupã para Agricultura.

Os relatos -de 24 famílias, totalizando mais de 450 páginas- narram as dificuldades de deslocamento de famílias inteiras, principalmente na travessia da Serra Itapirapuã, a instalação em plena floresta virgem, o isolamento, a falta de recursos de toda ordem; em seguida, a memória recai sobre o cultivo de café e arroz, as dificuldades de comercialização mas também sobre a organização de times de futebol, as preocupações com a educação das crianças, e, no final, são as lutas pela autonomia política e administrativa que ocupam a atenção.



No conjunto, em grandes linhas, as histórias seguem o mesmo script. Este caracteriza-se pela retomada de temas, figuras, caracteres, acontecimentos com variações devidas às diferenças cronológicas dos primeiros imigrantes deslocados para a floresta, para àqueles que vieram mais tarde, já implantada a vila. Enquanto os primeiros se centralizam nas dificuldades da própria colonização, nos problemas de sobrevivência, e nos primeiros sinais de organização de uma comunidade através da solidariedade na saúde, educação, entretenimento, o segundo grupo focaliza a instalação de alguns serviços -bar, hotel, igrejas, lojas, escola— e a atividade política. De qualquer maneira, é possível estruturar uma espinha dorsal segundo, por exemplo, a morfologia propiana.³

Apesar da reiteração de tópicos - memoráveis como a travessia da serra, a febre que dizimou famílias inteiras, etc - curiosamente o leitor não se entedia acompanhando a narração de cada pioneiro, encontrando mesmo prazer em reconhecer alguns que já lhe vão se fazendo familiares. De tal maneira que se experimenta alguma coisa como a memória da memória. Na recepção, algo acontece cuja justificativa parece não encontrar-se na novidade como se poderia esperar de texto desta natureza, isto é, nos acontecimentos narrados. Percebemos essa diferença principalmente quando remetemos a outro contexto em que se focaliza o mesmo evento ou fato, ou a mesma história é citada: dilui-se a sensação a que nos referimos quando os relatos comparecem para exemplificar num contexto discursivo historiográfico. Neste prevalece não o reconhecimento mas o

³ Cf MIYAZAKI, VILALVA. Relatos de uma saga: pioneiros de Tangará da Serra-MT. 2011.



conhecimento, ou seja, o fato. De tal forma que o traço especial com que se pode caracterizar o enfocado não é bem o que matiza a recepção, afetando o enunciatário.

Para entender melhor a questão, é oportuno que se descreva a situação real em que se procedeu a comunicação entre pesquisador e entrevistado. A grande maioria dos pioneiros é constituída por pessoas simples e de baixa ou média escolaridade. Alguns poucos chegaram a professor primário ou secundário, outros a políticos da vila. De qualquer forma, a solicitação do testemunho foi introduzida pelo esclarecimento dos objetivos: um órgão oficial administrativo -a Secretaria Municipal de Cultura e Educação de Tangará da Serra- encarregava a única universidade oficial da cidade, nas pessoas de professores curso de Letras, da coleta de relatos dos pioneiros ainda lá residentes para com eles publicar um livro, para preservação e divulgação desse período da história da cidade. Ou seja, um suporte de valorização - histórica, cultural - não apenas dos eventos narrados, mas também da participação de cada um deles, de sua experiência particular e, certamente, da memória individual. Todo um jogo de imagens - de acordo com a concepção de Pêcheux - deve ter-se dinamizado, estruturando a relação entre entrevistado e pesquisador, aquele reavaliando seu passado, presente e futuro; pesando a imagem de si mesmo, bem como a pressuposição da imagem que dele se fazia o outro, ali representada pelo pesquisador.

Toda uma gama de disposição se pôde observar. Alguns parentes, tímidos, envergonhados, se recusaram a falar, mesmo a assistir à entrevista; outros atenderam respeitosos, discretos; uma boa parte se



preocupou em estabelecer um protocolo: tímidos, adiantaram a dificuldade, o pouco traquejo para falar, mal apropriado para o objetivo; outros, após essa introdução, logo em seguida se soltaram e falaram ao fluxo da conversa. Pelo contrário, houve também aqueles em que poderia observar-se a preocupação com o planejamento do testemunho, não só na seleção de eventos mas na própria elocução. Houve aqueles – normalmente de maior escolaridade - em que o tom beirava o relatório, na observação da pertinência -segundo sua própria concepção - onde duas atitudes opostas ocorreram: uma que resultou abundante em detalhes, nas justificativas não tanto de ordem causal dos acontecimentos, antes moral, ética do informante sobre si mesmo - sujeito duas vezes, do enunciado e da enunciação; outra, mais comedida, preocupada com a precisão da narrativa, com datas, personagens, nomes, seqüência etc.

De modo geral, dentro dessa diversidade de enunciação, podemos pensar em dois subgrupos principais: o dos testemunhos não bem planejados, que ocorreram ao fluxo da conversa, e o dos programados. Embora tal classificação não se aplique, principalmente no segundo caso, à totalidade do relato, observando-se momentos de mescla das duas modalidades. Como explicar, por exemplo, que alguns entrevistados se deleitassem em contar "casos" curiosos em que são eles próprios personagem, protagonista ou coadjuvante, ou testemunha? O que significa a disposição em destacar passagens engraçadas, lembradas por causa disso mesmo e não porque fazem parte essencial do relatado?

Mais da metade da narrativa, principalmente do primeiro subgrupo, provoca uma empatia bastante agradável que leva o leitor a



persistir na leitura, com olho já no próximo relato, embora, como afirmamos, termine encontrando-se em uma situação de reconhecimento do conhecido. Uma explicação mais imediata a tal questão seria ver aí a manifestação de um estilo, do estilo individual, que no conjunto é geralmente heterogênea, variável, apesar da situação padrão a que aludimos. Seria necessário, no entanto, entender o estilo não como a última camada de elaboração textual, retórica, muitas vezes relegada a segundo plano, na análise de narrativas, como se pouco se relacionasse com os outros níveis anteriores de estrutura de texto; ou seja, camada textual objeto de uma abordagem específica definida como *estilística*. Pelo contrário, aqui deve-se entendê-la como uma dimensão que abraça o texto como um todo, mas não pela preocupação em conferir ao abarcado desta forma uma unidade de sentido, contrariando assim o dialogismo tão valorizado por Bakhtin (2008), como a característica distintiva -em relação a autores como Cervantes, Shakespeare - de Dostoiewski.

Cada relato é uma voz, uma enunciação que interfere todo o texto. Considerando o conjunto todo dos relatos, poderíamos pensar no que diz Bakhtin a respeito do escritor russo: não há uma voz dominante, abrangendo todas as demais, uniformizando-as em um único sentido. Preserva-se a autonomia de cada elocução. *Apesar disso*, é possível encontrar nelas, enunciações, alguns denominadores comuns que justificam o efeito de uma *voz coletiva*.

Quando se pensa na finalidade que norteou a organização do livro, *corpus* destas reflexões - a criação de um acervo da memória e cultura de uma comunidade - mais necessária se faz a resposta à pergunta sobre a



empatia enunciativa, em que se apoia o reconhecimento de pertencer a uma comunidade e, com ele, o reconhecimento dos valores que circulam aí. Em outras palavras, o retrato do leitor, cidadão tangaraense, se origina aí, nessa tensão comunicativa, mais que das peripécias heroicas focadas. Ao mesmo tempo em cada pioneiro-narrador, narrando, é construído como um personagem do enunciado, ele se constrói como personagem da enunciação, em que ele conversa, confronta, se aproxima do parceiro do bate-papo, tecendo uma teia de valores, imagens em torno de um ponto de convergência em que se escora o espelho comum.

Não mais é o enunciado o responsável por isso, mas a enunciação, mobilizando recursos, geralmente inconscientes, que não servem para conferir relevância a algum fato, mas para criar afetivamente esse dinamismo, de um processo de aproximação dos parceiros da conversa. Seja o tom de distanciamento, originário da imagem de autoridade que se queira obter, seja o contrato fiduciário que garante a sanção da honorabilidade da personagem, ator das ações e condutas no domínio político. Seja a ironia da fala bem-humorada de quem hoje faz pouco do sofrimento passado, seja a fala igualmente bem-humorada agora, no entanto, sem ironia, sem espanto.

Os pioneiros convidados não são pessoas, nenhum deles, dotadas de uma competência que propicie um discurso elaborado retoricamente. Pelo contrário, a grande maioria dos textos se caracteriza antes expressões econômicas, descrições sem muitos detalhes, como se na fala oral os intervalos, as inflexões, a gestualidade pudessem naturalmente acomodar a emoção não declarada, não verbalmente expressa, da parte de ambos os



sujeitos envolvidos. Silêncios, interstícios cheios. Como os apontados na transcrição pela notação do riso, momento de comunhão real. A diversidade, a especificidade dos eventos, da experiência, ao longo do tempo percorrido pela memória, acabam recebendo esse alinhavo isotópico, como característica de cada narrador: o chiste irônico da parteira Maria Biazóli, a emotividade de Dona Luisa, o sorriso de Dona Miyoshe... Uma aproximação desse traço é possível pela trilha sonora de um filme, não enquanto expressão adicional, sublinhando o enunciado, mas como uma metalinguagem que o interpreta. Esta camada parece-nos como uma das mais importantes dos textos, onde se assegura a sua sobrevivência na memória afetiva da coletividade. Não seria, portanto, o enunciado, a história em si que assegura a circulação dos relatos no espaço e no tempo, vivificando o acervo e justificando-o como um valor realmente vivo.

Para entender melhor o que tentamos expor, vamos nos valer do conceito de mito na modernidade, desenvolvido por Roland Barthes nem *Mithologies* (1957).⁴ Barthes (1957, p 194) começa com a pergunta: "Que é o mito hoje?" E responde: "O mito é uma fala." E observa: exatamente como assinala a sua etimologia. Não se trata de qualquer fala, uma vez que esta requer condições especiais para se tornar mito. Antes de mais nada, ele acredita, é necessário compreender que o mito constitui "um sistema de comunicação, uma mensagem." (1957, p. 194). Isso significa que o mito nunca é um conceito, uma idéia, mas "um modo de significação, uma forma ". Mas essa forma deve sofrer as limitações das

⁴ Todas citações são traduções nossas.



condições históricas de seu emprego: nela tem que investir-se a sociedade. O mito não é definido pelo objeto de sua mensagem, mas pela forma em que é proferido. O que significa "forma de ser proferido" (1957: 194)? Cada objeto no mundo pode passar de uma existência fechada, muda para um estágio oral, aberto à apropriação pela sociedade. Pois é a história humana que a faz passar do real ao estágio de fala, só ela regula a vida e morte de linguagem mítica.

O relato dos pioneiros é exatamente isso: uma fala e uma mensagem. Mas ela, fala, precisa ser "uma forma de significação". Para isso é preciso entendê-la como uma "forma", porque ela não se reduz a um conceito, nem mesmo a uma idéia. Nem é o objeto dos relatos o que está em foco - que seria o assunto da mensagem - mas a forma com esse objeto é proferido na fala de cada um. Enunciação, não propriamente o enunciado. O mundo narrado deve ser apropriado de novo em outro estágio, não da experiência em si, mas de sua enunciação, por meio de sua apropriação por cada depoente que convida cada ouvinte a segui-lo no caminho aberto para a significação mítica.

Para ilustrar, Barthes remete à estrutura do sono conceituada por Freud. Há, no sonho, um primeiro termo constituído pelo significado manifesto do comportamento; outro, um segundo, pelo sentido latente ou sentido próprio; o terceiro termo corresponde à correlação dos dois primeiros: é o sonho em si mesmo, na sua totalidade, como é o ato falho ou a neurose. Para Freud, o sonho não é nem o dado manifesto nem o conteúdo latente: é o vínculo funcional dos dois termos. Tal relação, essa é a significação. Da mesma forma - concebe Barthes (1957, p. 3) -



constituído por duas linguagens, o mito é uma metalinguagem, porque "é uma segunda língua, na qual se fala do primeira". O que vale aí é o signo global, na medida em que ele tem função significante; uma significação global, porque ambos os sistemas são dados conjuntamente.

O significante do mítico é ambíguo: é sentido (do primeiro sistema) e forma (no segundo). Este estatuto duplo faz cheio de um lado e vazio do outro. Como sentido postula imediatamente uma leitura: a saudação da bandeira francesa pelo soldado negro - outro exemplo escolhido por Barthes - na capa de uma revista popular francesa. No primeiro sistema, o sentido está completo, postulando um conhecimento, uma memória, um passado. Uma significação que se basta em si mesma: a história do negro, soldado francês. Mas, ao ser apropriada pelo mito, tal significação se dilui. Ao tornar-se forma, a contingência do sentido se enfraquece, se empobrece, evapora-se a história, só resta a letra. Sua pobreza atual requer que uma outra significação a substitua: há que desalojar a história do soldado negro para receber um novo significado. O sentido, porém, não desaparece, ele continua sendo uma "reserva instantânea de história" (Barthes 1957: 113), de que a forma segue alimentando-se e ao mesmo tempo nela se escondendo. "O que define mito é o interessante jogo de ocultação entre o sentido e a forma", explica Barthes (113 1957) .

A forma no mito não é símbolo: negro do exemplo não é um símbolo do império francês. Rica, espontânea, mesmo assim, ela torna-se transparente, "se faz cúmplice de um *conceito* que recebe já armado"; no exemplo, "imperialidade francesa" que "se converte em uma presença



emprestada." (BARTHES 1957, p.114). Ao contrário da forma, o conceito nunca é abstrato, *está cheio de uma situação*. Através do conceito se implanta no mito uma nova história. O soldado negro na capa da revista: como forma, seu sentido é restrito, se isola, empobrecido; como conceito da imperialidade francesa, se liga novamente à totalidade do mundo, à história geral da França, suas aventuras coloniais, suas dificuldades atuais. Mas, então, no conceito "se investe antes um certo conhecimento do real que o real mesmo" (BARTHES, 1957, p. 114). Um certo conhecimento do real, ressaltamos.

Os relatos dos pioneiros são compostos inicialmente de um determinado sistema, a língua, que se nos impõe no primeiro contato, que narra as experiências vividas pelos migrantes. Embora os temas ou motivos focalizados possam considerar-se mais ou menos os mesmos, formando um micro-universo semântico, talvez variando – perdendo-se alguns e adicionando-se outros – conforme escorra o tempo para vinte anos cobertos pelo *corpus*, pode-se dizer que eles se caracterizam, no universo dos relatos, pela *reiteração*. Eles correspondem ao soldado negro da revista francesa. Mas eles se fazem vidro do segundo exemplo quando a pergunta que se impõe é: por que a repetição não diminui o interesse na leitura, pelo contrário, alimenta o prazer pelo reconhecimento? Por outro lado, apesar da recorrência de expressões genéricas, tais como as que se referem ao sofrimento e às dificuldades principalmente, esses motivos, estas unidades semânticas não recebem exatamente a mesma cobertura expressiva, variando a gosto do enunciador?



Pensando nos termos de Barthes, talvez se possa dizer que aqui se trata daquela não-correlação entre os dois planos, com respeito à riqueza qualitativa e quantitativa do mito. Segundo ele, no mito o significante é quantitativamente maior mas qualitativamente menor que o sentido. Ou seja, o significante não determina o conteúdo, nem postula a exigência de um determinado significante. Haveria aí uma relação arbitrária entre os dois planos.

Nesse sentido, podemos entender o conjunto dos relatos como um grande texto constituído pela reiteração de motivos, mas recobertos por diferentes significantes: cada fala, uma nova expressão do mesmo. Essa relação de arbitrariedade, no entanto, entre significante e significado que permite essa diversificação expressiva na verdade acaba sendo lida como uma relação necessária. Não sabemos se - como no mito na perspectiva de Barthes - ocorre uma naturalização resultante dessa relação. Mas o que se apreende é, pelo menos, o *efeito* de que ocorre na fala de cada um a equivalência exata: como se, em cada relato, o que se diz só pode ser dito assim. Não há frincha entre os dois planos; é esse sentido que vai sustentar o surgimento de um terceiro nível, ou sistema de significação que se instala na enunciação. Ocorre então um contrato fiduciário entre os dois actantes da comunicação: a crença nessa relação de necessidade entre expressão e conteúdo. É ela que permite a instalação do que na estrutura mítica de Barthes se chama *conceito mítico*. A significação - relação entre significante e conteúdo - que, como diz Barthes, não é, no entanto, uma ideia clara.



O saber contido no conceito mítico é, de acordo com Barthes, um *saber confuso*, formado de associações fracas, ilimitadas. O conceito é aberto: não é uma essência abstrata, purificada; é uma condensação instável, nebulosa, cuja unidade e coerência depende sobretudo da função. Qual seria a função pretendida no caso dos pioneiros? Ela supera o desejo explícito, manifesto, de contar cada qual a sua experiência. A função seria de inserir-se em um universo maior, superior, que não possibilita, no entanto, nomear de forma precisa. Daí, como Barthes diz em relação ao mito, a necessidade de sintetizar esse conceito através de *neologismos*. Qual caberia aqui?

Embora, devido ao espectro temporal que as narrativas cobrem e, portanto, o espectro de circunstâncias envolvidas, talvez seja mais acertado dizer que esse conceito se matiza. Embora, da mesma forma, se possa reconhecer um núcleo comum à maioria delas. Em outras palavras, cada relato tem um conceito que aparece como um matiz particular do núcleo do conjunto.

Talvez este conceito comum pode ser traduzido como a resposta à pergunta que persiste, a do primeiro contrato enunciativo: o que impulsiona uma pessoa, uma família a fazer o que elas fizeram e se comportar como se comportaram? Não é a resposta de acordo com o primeiro sistema da estrutura aqui seguida, a história real. Esta deixa escoar-se uma nova história. Justamente por estar relacionada a uma contingência histórica, o conceito nesse sentido também o é, contingente: daí a *dificuldade de nomeá-lo*.



Quantitativamente o conceito é mais pobre do que o significante. Muitas vezes, aquele apenas se re-apresenta. A forma é qualitativamente mais pobre do que o conceito, que é aberto a toda a história. A abundância quantitativa da forma - extensões variáveis, desde a dimensão de uma palavra ao de todo da obra - corresponde a um pequeno número de conceito, que se repete de diferentes maneiras. É, no entanto, a repetição que permite decifrar o mito: a insistência de um comportamento é que expressa a sua intenção. Qual?

É aí onde reside a dificuldade de apreender a espessura dos relatos: a linguagem dos relatos é marcada pela simplicidade, pela imediatez do primeiro sistema, o da língua. Não esconde nada, diria Barthes. Mas é exatamente essa fala simples que deixa entrever o que está faltando: o silenciado não intencionalmente, mas por esse tipo de competência linguística e narrativa que leva a uma tipo de performance. Algo que falta ali onde parece nada faltar. Enquanto isso, o efeito é que de que eles se erguem sobre um terceiro nível de sentido, cujos sintomas ou índices estariam constituídos pelas características estilísticas. A fala dos entrevistados, enquanto enunciação, e não enunciado, parece dizer da naturalidade do dito pelo enunciado, mesmo quando este seja constituído de acontecimento extraordinários na realidade. Daí a ironia, riso e disposição de contar "casos" que se tornam "causos".

Outro exemplo escolhido por Barthes ajuda a entender mais uma vez. De um carro em movimento, através do vidro eu olho a paisagem. Posso me concentrar ou no vidro ou na paisagem. Vejo de imediato o vidro e à distância a paisagem; posso ignorar o vidro, que, tornando-se



transparente, deixa perceber a profundidade da paisagem. O vidro me parecerá presente mas vazio; paisagem, irreal e completo. No caso dos relatos, o enunciado é de vidro; a paisagem, irreal e plena. No caso dos relatos, o enunciado se faz vidro; a paisagem irreal e plena, significação enunciativa. Pois outra intenção se insinua, além da manifesta, a de testemunhar. Há uma outra que me desafia para além da contingência dos acontecimentos narrados, e funda o sentido.

Para entender melhor o que aqui analisamos, talvez nos ajudem os esclarecimentos de Octavio Paz sobre a linguagem poética:

A poesia vive nas camadas mais profundas do ser, enquanto as ideologias e tudo o que chamamos de idéias e opiniões constituem os estratos mais superficiais da consciência. (PAZ, 1972: 41; trad.nossa).

Talvez possamos pensar que o que os textos expressam nesta estrutura proposta por Barthes seja equivalente ao que ele diz Paz sobre a função da poesia. Nela, os eventos narrados corresponderiam ao que ele chama de "estratos mais superficiais da consciência". Em contraponto, é concebível que, embora não conscientemente, os pioneiros tenham experimentado a sensação de que aquele era um momento específico, em que a parada somática e o cara-a-cara com o entrevistador suspendiam o ritmo diário para permitir que se um intercalasse tempo qualitativamente verticalizado. Assim, na mesma proporção, ainda que aparentemente utilizem a norma lingüística corrente de suas vidas, o seu desempenho produz uma linguagem capaz de transformar as imagens veiculadas no enunciado em uma dimensão equivalente ao espaço-tempo da





enunciação. Ou seja, provavelmente as narrativas não se dissociarão nem podem dissociar-se dessa norma linguística e nem das características estilísticas: como no sonho na percepção de Freud, *na fala dos pioneiros significado e significante formam um corpo único*. Um corpo que tem de ser respeitado na íntegra, sob o risco de se perder. A leitura visual do texto se fará leitura pelo ouvido. Quando se repete o ato primordial a que alude Paz (1972: 41). Traduzimos:

No poema a sociedade é confrontada com os fundamentos de seu ser, com a sua palavra primeira. A pronunciar essa palavra original, o homem foi criado. Aquiles e Ulisses são mais do que duas figuras heróicas: são o destino grego estão criando-se em si mesmos. O poema é a mediação entre a sociedade e aquilo que a funda. [...] O poema nos revela o que somos e nos convida a ser o que somos.

Os relatos não se classificam como poemas e até mesmo como literários propriamente. No entanto, as narrativas têm a força para alçar-se acima da contingência que as criou e podem executar as funções essenciais semelhantes às atribuídas por Paz à poesia. Da mesma forma, o papel que ele confere a Aquiles ou a Ulisses pode atribuir-se à figura coletiva dos pioneiros, que se particulariza, matizando-se, nos diferentes entrevistados. Aqui se está em pleno exercício do ver e do ouvir, para chegar à revelação. De quê? A resposta para a pergunta: como é que essas famílias puderam fazer o que fizeram?. Resposta só expressável pelo conceito mítico barthesiano. Que, adverte ele, é confuso, obscuro. Por isso, só pode ser nomeado por um neologismo. Mistura de *pathos e ethos*, no nosso caso, fica a pergunta final: qual seria o neologismo apropriado?





Referências

BARTHES, R. *Mythologies*. Paris: Seuil, 1957.

BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

MIYAZAKI, T.Y.; VILALVA, W.(2013) *Memória e relatos: pioneiros de Tangará da Serra e Assentamento Antônio Conselheiro*. Cáceres. UNEMAT. 2012.

_____. Relatos de uma saga: Pioneiros de Tangará da Serra–MT. In: FERREIRA, F.A.; MOMESSO, M.R.; SCHWARTZMANN, M.N; ABRIATA, V.L.R.A.(org.). *Discursos e linguagens: objetos de análise e perspectivas teóricas*. Vol. 6. Franca-SP: EDUNIFRAN. Coleção Mestrado em Linguística, p.10-14. 2012.

PAZ, O. *El arco y la lira*. 3 ed. México: Fondo de Cultura Económica. 1972.